

O ENSINO DE GRAMÁTICA: PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO

GRAMMATIC TEACHING: MORE THAN PERFECT PREFECT

Yammar Leite de Araujo Andrade¹

Recebido em: 10/06/2019

Aprovado em: 23/07/2019

Publicado em: 30/07/2019

Resumo: Em geral, o ensino de gramática é visto como ícone de aversão por grande parte de usuários da língua, seja no ambiente escolar ou fora dele. Tal aspecto nos convida a refletirmos acerca do tema a partir do contexto escolar. Nesse intuito, o presente artigo discute e analisa os protagonistas desse contexto de forma teórica e prática. Nele retomaremos diversos teóricos que subsidiaram as atividades propostas cujo objetivo era transformar a prática pedagógica nas aulas de língua portuguesa e, assim, levar o aluno a perceber que a gramática faz parte de seu contexto escolar de forma global e de todos os aspectos de uso da língua. Dentre as diversas possibilidades que há para o estudo de gramática, elegemos o uso do pretérito-mais-que-perfeito como fato linguístico específico, associando-o a prática de letramento literário aplicada a alunos dos anos finais do ensino fundamental.

Palavras-chave: Ensino de gramática – letramento literário – língua

Abstrat: In general, grammar teaching is viewed as an aversion icon by most language users, whether in or outside the school environment. This aspect invites us to reflect on the theme from the school context. To this end, the present article discusses and analyzes the protagonists of this context in a theoretical and practical way. In it we will resume several theorists that subsidized the proposed activities whose objective was to transform the pedagogical practice in the Portuguese language classes and, thus, lead the student to realize that grammar is part of their school context in a global way and of all aspects of the use of language. Among the many possibilities that exist for the study of grammar, we chose to use the past tense as a specific linguistic fact, associating it with the practice of literary literacy applied to students of the final years of elementary school.

Keywords: Grammar teaching - literary literacy - language

¹ Mestre em Letras - Mestrado Profissional em Letras - Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Pesquisadora dos grupos: Narrativa poética, historiografia e gênero e Leitura literária e a formação do leitor da UFTM. Professora de Língua Portuguesa da rede estadual de Uberaba-MG. E-mail: yammar.araujo@gmail.com

ANDRADE, Y. L. A.

1 Introdução

“Detesto Português!”, “gramática é horrível”, “quem inventou essa tal de gramática”, “Não sei Português e não gosto!”, “gramática é a pior matéria”, “não entendo nada de gramática!”, comentários como esses são repetidos inúmeras vezes quando um professor de língua portuguesa se apresenta às turmas para a primeira aula.

Tais queixas tornaram-se tão comuns, que comumente passam despercebidas por muitos de nós, no entanto, mereciam mais atenção. Pois se revelam como alertas acerca de práticas aplicadas no ensino de língua e denunciam a urgência de profícua reflexão, afinal é paradoxalmente evidente, o ensino de língua não se encaixa aos moldes de tempos idos, perante tantas inovações e evoluções, como aceitar que algo incontestavelmente vivo como é o uso da língua, “conservar-se-ia” intacta diante tantas modificações, seguindo um único e exclusivo “padrão”?!

Bagno (2012) ao apresentar sua concepção de língua, afirma que a língua não é homogênea e única, reitera ainda que a língua é um polissistema formado por múltiplas variedades.

Sua constante transformação é apenas um, dentre os diversos obstáculos que permeiam as aulas de língua portuguesa, em especial, de gramática. Sobretudo, conforme já mencionamos, considerável parcela de alunos declara assombrosa aversão à disciplina ou portadores de elevada dificuldade em seu uso e aplicação.

Contudo, equivocam-se ao pensarem dessa forma, pois desconsideram em absoluto, o fato de que já a utilizam, tal equívoco ocorre por considerarem que a aula de língua materna se reduz apenas às regras e intermináveis classificações. Tal visão apenas retrata a realidade vivenciada pelos alunos da educação básica em relação ao ensino das últimas décadas, salvo exceções.

Outro aspecto notório e relevante é a resistência, por parte de alguns professores, muitos ainda, reproduzem no ensino de gramática, metodologias que fizeram parte de sua própria formação básica, num tempo em que se privilegiava apenas a memorização de conceitos e o uso de frases desarticuladas de qualquer contexto. Outros, se perdem dentre tantos conceitos e polêmicas referentes ao ensino de gramática e comprometem sua prática na sala de aula.

ANDRADE, Y. L. A.

Há também que se considerar, os profissionais que trazem cristalizados em sua prática, o preconceito. Recusam-se a estudar o novo, mesmo com inúmeras contribuições de renomadas pesquisas acerca do estudo de língua.

Não é objetivo exclusivo deste artigo, apontar problemas relacionados à prática docente, mas devemos aqui, nos confessarmos usuários de muitas dessas práticas elencadas nos parágrafos introdutórios, sendo assim, nos propomos a refletirmos acerca do ensino de gramática a partir de nossa experiência na escola pública.

Para isso, faremos um breve estudo bibliográfico, em que buscaremos esclarecimentos referentes às nomenclaturas e concepções da área linguística; ademais proporemos atividades que contemplem inovações em nossa prática metodológica subsidiadas pelos três saberes gramaticais propostos por (BARBOSA, 2009).

O primeiro: o saber linguístico correspondente ao uso do falante; o segundo: o saber linguístico da gramática tradicional e o terceiro o saber do professor, correspondente às pesquisas linguísticas.

Neste intuito, buscando evidenciar transformações sofridas pela língua, elegemos como fato linguístico: o ensino do verbo, por ser um dos desafios enfrentados em nossas aulas.

Refletirmos acerca do ensino de gramática a partir de nossa experiência na escola pública e identificamos que para a maioria de nossos alunos do sétimo ano, esse é, em disparada, o conteúdo mais temido, justificando assim nossa escolha. Dentre as diversas possibilidades que há para o estudo dos verbos, trataremos especificamente do uso do pretérito-mais-que-perfeito, abordaremos as formas simples e compostas do modo indicativo.

2 Conceitos básicos e necessários

Apresentaremos alguns conceitos que julgamos essenciais a qualquer professor de língua portuguesa.

Nas palavras de Cunha e Cintra (2001) podemos distinguir Língua e Linguagem, termos muitas vezes utilizados como sinônimos. Para os autores “Linguagem é um conjunto complexo de processos – resultado de uma certa atividade psíquica profundamente determinada pela vida social”. (CUNHA e CINTRA, 2009, p.1). E

ANDRADE, Y. L. A.

diferentemente, “Língua é um sistema gramatical pertencente a um grupo de indivíduos. Expressão da consciência de uma coletividade”, já a Língua “é o meio por que ela concebe o mundo que a cerca e age sobre ele.”(CUNHA e CINTRA, 2009, p.1)

Para elucidarmos outros termos, tomaremos emprestadas as reflexões de (ANTUNES, 2007) ao questionar “que gramáticas existem? ”. Como resposta, a autora elenca cinco acepções diferentes para o termo e afirma que ao mencioná-lo, pode estar referindo-se

- “a) às regras que definem o funcionamento de determinada língua, como em : “a gramática do português”; nessa acepção a gramática corresponde ao saber intuitivo que todo falante tem de sua própria língua, a qual tem sido chamada de “gramática internalizada”;
 - b) das regras que definem o funcionamento de determinada norma, como em: “a gramática da norma culta”, por exemplo;
 - c) de uma perspectiva de estudo como em “a gramática gerativa”, “a gramática estruturalista”, “a gramática funcionalista”; ou de uma tendência histórica de abordagem, como em gramática tradicional”, por exemplo;
 - d) de uma disciplina escolar, como em “aula de gramática”;
 - e) de um livro, como em: “a Gramática de Celso Cunha”.”
- (ANTUNES, 2007, p. 25-26)

Percebemos que cada um desses sentidos pode perfeitamente ser usado para objetivos e contextos diferentes, de forma independente, porém, conforme destaca a autora, é preciso considerar sua especificidade e função. Nesse ínterim, reiteramos ainda a necessidade de observarmos o emprego adequado desse termo e sugerimos a apresentação de tais possibilidades a nossos alunos, abordando didaticamente a polissemia do termo gramática, proporcionando assim ao aluno, falante, usuário da língua, ampliação do sentido e outras possibilidades, desmistificando e esclarecendo o uso do termo.

Para finalizarmos esta seção, dois últimos termos requerem distinção conceitual, são eles: norma culta e norma padrão.

Segundo (FARACO 2008, p. 73), norma culta é “um conjunto de fenômenos linguísticos que ocorrem habitualmente no uso dos falantes letrados em situações mais monitoradas de fala e escrita”. Por outro lado, o autor assevera que a norma-padrão “não é propriamente uma variedade da língua” (p.75) e justificando sua afirmação, a conceitua apenas como “uma codificação relativamente abstrata, uma baliza extraída do uso real

ANDRADE, Y. L. A.

para servir de referência, em sociedades marcadas por acentuada dialeção, a projetos políticos de uniformização linguística”.(p.75)

Concluindo tal conceituação, Faraco apresenta mais uma observação acerca do uso do termo norma culta, ele registra que devido à monitoração, muitos falantes atribuem à norma culta um valor social positivo, o que gera mais prestígio social e como consequência, muitos a confundem com a própria língua, “confundir essa norma com a língua, ou seja, a imaginar que a norma mais monitorada é a língua. E que todas as demais variedades são deturpações, corrupções, degradações da língua verdadeira.” (FARACO, 2008,p.73).

3 Verbo: uso do pretérito-mais-que-perfeito

Conforme já mencionamos, elegemos o uso do pretérito-mais-que-perfeito como fato linguístico e para darmos prosseguimento a nosso estudo, retomaremos diversos autores para caracterização do verbo.

Sobre verbo, o gramático (BECHARA,2009 p. 209) o entende como “ a unidade de significado categorial que se caracteriza por ser um molde pelo qual organiza o falar seu significado lexical”.

(CEGALLA, 2008), de forma bastante tradicional, define verbo como “uma palavra que exprime ação, estado, fato ou fenômeno” (p.143).

Na Nova Gramática do Português Contemporâneo (CUNHA E CINTRA, 2001) conceituam o verbo como “uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo.” (p.379).

E para (ROCHA LIMA,2007), “o verbo expressa um fato, um acontecimento: o que se passa com os seres, ou em torno dos seres.” (p.122)

Os conceitos, trazidos nos livros didáticos, seguem de maneira muito próxima a linha das definições apresentadas anteriormente, o que de forma crítica, Bagno (2012) chama de “definições corriqueiras” (p. 508) e afirma ser mais adequado defini-lo considerando outras características, conforme propõe no quadro a seguir, elaborado por CASTILHO (2010).

ANDRADE, Y. L. A.

DEFINIÇÃO DE VERBO	
morfossintática	Palavra que dispõe de um radical e de sufixos próprios: radical (raiz + vogal temática) + sufixo modo-temporal + sufixo número pessoal: falássemos = fal- + -a- + -sse-+-mos
Semântica	o verbo expressa os estados de coisas, ou seja, as ações, os estados e os eventos de que precisamos dar conta quando falamos ou escrevemos.
Discursiva	“palavra (i) que introduz participantes no texto, via processo de apresentação, por exemplo; (ii) que os qualifica devidamente, via processo de predicação, (iii) que concorre para a constituição dos gêneros discursivos, via alternância de tempos e modos!. (Castilho, 2010:396)

Tabela 1: Bagno (2012, p. 509) apud (Castilho, 2010:396)

Bagno (2012) acrescenta mais uma definição, cuja simplicidade é destacada por ele, e reconhece o esforço de Magda Soares em sua coleção didática, onde a autora procura contribuir positivamente para o letramento linguístico dos alunos, em uma das atividades, após a proposta de leitura de um texto, Soares escreve:

“Se essa história fosse contada num texto narrativo, as falas seriam introduzidas por travessão e por palavras – verbos- que indicam o que está acontecendo e como está acontecendo: o personagem fala, pergunta, responde, reclama, grita...”
(BAGNO p. 510) apud (SOARES, 2008, v5:38)

Todos os autores foram unânimes em considerarem a riqueza de variação e a importância dessa classe de palavras para a língua, conforme podemos constatar em Perini (2008, p.307) “ o lexema verbal é, de longe, o mais rico da língua, e apresenta características muito peculiares: são palavras que se opõem em tempo, modo, pessoa e número. ” ROCHA E LIMA (2007), acrescenta a variação de voz, CUNHA e CINTRA (2001) apresentam também a variação de aspecto.

Dentre todas as variações, destacamos de forma bastante superficial, apenas a variação de tempo. Há no Português Brasileiro três tempos básicos: presente, passado e futuro. Nosso foco será no tempo pretérito-mais-que-perfeito do indicativo.

O uso do pretérito-mais-que-perfeito é praticamente nulo nos dias atuais, conforme afirmam muitos estudiosos, porém ainda está presente em muitas obras da Literatura, o que nos convida a apresentá-lo aos alunos.

O pretérito-mais-que-perfeito é comumente referenciado como o passado do passado, e subdivide-se em dois, o pretérito-mais-que-perfeito simples e composto.

ANDRADE, Y. L. A.

De forma clássica (BECHARA, 2009) registra que o pretérito-mais-que-perfeito “denota uma ação anterior a outra já passada” (p.279)

De forma mais ampla, (CUNHA e CINTRA 2001, p. 457) traz a mesma definição e acrescenta que além do valor normal, o pretérito-mais-que-perfeito pode denotar:

- a) um fato vagamente situado no passado, em frases como as seguintes: “Casara, tivera filhos, mas nada disso o tocara por dentro.
- b) um fato passado em relação ao momento presente, quando se deseja atenuar uma afirmação ou um pedido:
- Eu tinha vindo para convencê-lo de que Pedro é seu amigo e pedir-lhe que apoiasse Hermeto.
- c) Na linguagem literária emprega-se vez por outra, o mais-que-perfeito simples em lugar: do futuro do pretérito (simples ou composto) e do pretérito imperfeito do subjuntivo
(CUNHA e CINTRA, 2001, p. 457)

Os autores acrescentam a seu estudo a observação de que o mais-que-perfeito também é usado em textos literários e em frases exclamativas, como exemplo, apresentam as seguintes frase:

(1) “ Quem me dera!” [= quem me desse!]

(2) “Pudera!” Tomara (que)!

De fato, é comum encontrarmos falantes utilizando-se dessas expressões, são exceções do uso contemporâneo do mais-que-perfeito no Português brasileiro.

Bagno (2012) é categórico ao afirmar que em sua forma simples, o pretérito-mais-que-perfeito “não faz parte do vernáculo dos brasileiros”(p.578) e esclarece ainda que para substituí-lo, atualmente, fazemos uso da forma composta, eu tinha comprado / ele tinha lido / você tinha doado. Porém, também aponta alguns usos, segundo ele, “bem estereotipados” dizendo ser possível o mais-que-perfeito-simples, são eles:

- “(1) na sentença principal e na subordinada para formulação de hipótese. É célere o verso de Camões em Os Lusíadas em que ele escreve: “Se mais terras **houvera**, lá **chegara** [o português]”.
- (2) em textos literários ou mais rebuscados, é comum encontrar a forma fora no lugar de fosse, principalmente em negativas.”
- (3) soba forma de expressões optativas cristalizadas: pudera, tomara, quisera, quem dera. (BAGNO, 2012 p. 578)

A respeito do uso das formas simples e compostas do pretérito mais-que-perfeito, não encontramos registros ou reflexões nas gramáticas analisadas; conforme

ANDRADE, Y. L. A.

transcrevemos trechos retirados de algumas delas, é possível verificarmos que tratam de forma bastante geral e não apresentam dados sobre o uso do mais-que-perfeito contrapondo o uso oral com a escrita, tampouco observando a formalidade desse uso.

Contudo é necessário registrarmos que em oposição aos gramáticos tradicionais, Câmara Jr. (1979, p. 168) afirma que em alguns aspectos do pretérito mais-que-perfeito na língua oral: o perfeito do pretérito coincide, de forma geral, com o pretérito-mais-que-perfeito (em que também se verifica a conclusão do fato num dado momento passado).

Encerrando mais uma parte de nosso estudo, destacamos a equivalência semântica das formas verbais simples do pretérito-mais-que-perfeito em relação à forma composta, conforme verificamos nos exemplos a seguir:

(i) “ Ele **adocera** muito jovem” (forma verbal simples do pretérito mais-que-perfeito)

(ii) “Ele **tinha adoecido** muito jovem” (forma verbal composta do pretérito-mais-que-perfeito)

É evidente que o sentido dos sintagmas verbais apresentados está inalterado, não ocorreu mudança de significado ao substituirmos a forma simples pela composta, diferentemente do que ocorre com outros tempos simples aos serem substituídos pelas formas compostas.

Apresentados os registros teóricos que fundamentam o presente estudo, daremos continuidade apresentando nossa proposta de atividade, buscando transformar a metodologia aplicada em nossas aulas.

4 Aula de gramática, o que é preciso mudar?

Partindo das leituras, discussões e reflexões propostas pela disciplina de Gramática, Variação e Ensino, cursada no programa de mestrado profissional PROFLETRAS, concluímos que era urgente a necessidade de transformar nossa prática pedagógica, sobretudo, no ensino de gramática.

Uma das reflexões propostas era a de que a aula de gramática não precisaria - tampouco deveria - ser isolada das aulas de língua portuguesa, considerando verdadeira insanidade segregar em compartimentos isolados a gramática, a escrita, a leitura, a interpretação, a ortografia e a oralidade como se não fossem parte de um todo, como se

ANDRADE, Y. L. A.

não fizessem parte da língua usada pelo aluno. Conforme reflete – incisivamente - (NEVES, 2003, p.62) em sua obra Gramática na escola.

É a língua em funcionamento que tem de ser objeto de análise em nível pedagógico, já que a compartimentação da gramática como disciplina desvinculada do uso da língua tem sido um dos grandes óbices à própria legitimidade da gramática como disciplina com lugar no ensino da língua portuguesa.

Outro aspecto discutido referia-se à necessidade de inserir o estudo de gramática, previsto no planejamento anual, nas práticas reais do cotidiano escolar, como por exemplo, durante a leitura de uma obra, durante um debate, ou ainda, na roda de contação de histórias, aula em que se privilegia aspectos orais da língua.

Dessa forma, o professor mobilizaria diferentes conhecimentos linguísticos a partir do uso real da língua, levando o aluno (usuário da língua/ falante/ouvinte) a refletir sobre ela, conforme prevê os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, “ pensar sobre a linguagem para poder compreendê-la e utilizá-la apropriadamente às situações e aos propósitos definidos” (BRASIL, 1998, p.18)

E nesse contexto, “saber gramática” seria, conforme afirma Costa Val, “interagir com sucesso nas diversas práticas sociais da linguagem, usando adequadamente diferentes variedades da língua, de acordo com as circunstâncias que condicionam esse uso”. (COSTA VAL, 2002, p. 111)

Para que se alcance êxito no objetivo de “saber gramática”, a autora apresenta uma proposta metodológica distinta das habituais práticas aplicadas na escola, (COSTA VAL, 2002, p. 119):

O que estou propondo, portanto, é o abandono da metodologia que leva a expor um conceito teórico ou uma regra, ilustrar com alguns exemplos, propor exercícios de fixação e avaliar numa prova sua memorização. Minha proposta é a inversão desse caminho tradicional – teoria–exemplo–exercício –, de modo que o trabalho comece da prática para chegar à teoria, vá do concreto para o abstrato, parta do que é conhecido pelo aluno para depois lhe apresentar desafio do desconhecido. Esse caminho, cuja base epistemológica é a teoria sócio-interacionista de Vygotsky, parece mais de acordo com os procedimentos intuitivos de busca de compreensão do mundo e, por isso, com maiores chances de se revelar eficiente, produtivo e prazeroso na escola.”

ANDRADE, Y. L. A.

Bagno dialoga com a autora ao refletir sobre o verbo no ensino de língua, o autor condena àqueles que ainda pedem aos alunos a conjugação completa de verbos e afirma que tal atividade serve apenas para gastar papel, tinta e é claro, extinguir qualquer interesse ou gosto pelo estudo da língua. Em seguida, brilhantemente, conclui suas considerações utilizando-se de acertada comparação, quando afirma que “ninguém aprende a usar os verbos simplesmente preenchendo tabelas com eles, assim como ninguém vai obter um bolo copiando cem vezes a receita de um livro.” (BAGNO, 2012, p. 510)

Não lograremos êxito algum na aquisição do conhecimento linguístico de nossos alunos com intermináveis listas de conjugações e conceitos, de fato, é preciso que haja mudanças. E no intuito de alicerçar tais ideias, retomamos significativas palavras de Costa Val (2002, p.130) “o conhecimento linguístico, como todo conhecimento, não se adquire ouvindo teorias, mas se constrói na relação ativa com o objeto de conhecimento.”.

Então, afinal, o que é preciso mudar nas aulas de gramática? À luz das ideias propostas e debatidas, assinalamos que a mudança não se refere apenas à aula de gramática, é preciso reelaborar todo fazer pedagógico, o desenvolvimento e tratamento dado à língua nas escolas, a começar pela atuação direta do professor.

O professor de língua portuguesa precisa investir em sua formação, há mais de três décadas, a linguística faz parte da formação dos profissionais nos cursos de Letras, e desde então, inúmeras pesquisas são realizadas visando à renovação e o apoio para o ensino de língua portuguesa nas escolas.

Com advento da internet, nós professores, temos, à disposição, vasto acervo teórico acadêmico disponibilizado por conceituadas revistas, sites que organizam todo material produzido no campo científico da linguística, da leitura e de outros temas associados à Educação.

Contudo, tais transformações chegaram muito tímidas às salas, infelizmente, os estudos científicos produzidos por linguistas, ainda não transpuseram os muros da escola, e pouco atuam no espaço que deveria ser o mais profícuo para seus benefícios.

Indubitavelmente, a primeira transformação precisa ocorrer no hábito de estudo do próprio professor. Caso não ocorra, sabemos que a resistência ao estudo inviabiliza qualquer transformação. Aliás, o professor necessita de formação constante em todas as

ANDRADE, Y. L. A.

áreas, não só, na área da linguística, e assim, de fato, ser um mediador de ações que associem à teoria a suas aulas, ou seja, que possa, na prática, propiciar efetivamente ao aluno conhecimentos linguísticos capazes de desenvolver sua competência comunicativa.

Visando compreendermos melhor o sentido dado ao termo, recorreremos às palavras de Travaglia (2009, p.17) o autor conceitua competência comunicativa como: “ a capacidade ou habilidade de usar a língua de forma adequada às diferentes situações de interação comunicativa a fim de produzir, usando textos, os efeitos de sentidos desejados em dada situação de interação para se comunicar com o outro.”

A segunda transformação virá como consequência da primeira, um professor melhor preparado, terá melhores condições para reelaborar seu fazer pedagógico. Terá melhores condições para diagnosticar as dificuldades e reais necessidades de sua turma.

Pautamos nesse contexto de diagnóstico a elaboração das atividades interventivas que apresentaremos no presente artigo.

5 Contextualizando nossa proposta

Embora alguns autores como (PERINI, 2008 p. 307) afirmem que dentre as classes de palavras, “o verbo é certamente o mais fácil de reconhecer”, nossa experiência com turmas de sétimo ano tem nos mostrado o contrário.

Bem como nos mostram também, as autoras (KLEIMAN E SEPULVEDA, 2014) em análises realizadas a partir de situações concretas em que acompanhavam professores do ensino básico de Língua Portuguesa. Ao descreverem uma das aulas, afirmam que os alunos se confundem na identificação de verbos.

Nossa vivência com tal fato, se deu no início do ano letivo, quando é feita uma sondagem, com a turma de sétimo, para retomar os conhecimentos introduzidos no sexto acerca dos verbos.

Buscando aprimorar nosso fazer pedagógico, pautados na proposta de Costa e Val, retomaremos os conhecimentos linguísticos trazidos pelos alunos acerca do verbo e introduziremos novos conhecimentos a partir de oficinas de leitura, conforme propõe nossa atividade de intervenção.

ANDRADE, Y. L. A.

ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO

Título: A Gra² nas aventuras do Pequeno Príncipe

Público Alvo: Alunos de 7º ano

Tema: O pretérito mais-que-perfeito na obra O Pequeno Príncipe

Problematização: A elaboração dessa prática nasceu do estranhamento e de dúvidas apresentadas pela maioria dos alunos ao lerem os verbos conjugados no pretérito-mais-que-perfeito.

Justificativa: É de suma importância a retomada de conhecimentos prévios, trazidos pelos alunos acerca dos conteúdos que serão trabalhados. O verbo é uma das classes responsáveis por mobilizar outros termos da oração, pois a ele se ligam diretamente e indiretamente, conforme afirma Bagno (2012), sendo assim, está presente na fala, nos textos propostos, na interação com o outro, requerendo dos alunos competências para seu uso, o que justifica a intervenção contínua proposta, visando complementar os conhecimentos linguísticos já adquiridos.

Objetivos:

- (i) Incorporar reflexões acerca da gramática à prática cotidiana de leitura;
- (ii) Identificar formas verbais presentes no texto literário e refletir acerca do uso de verbos no pretérito-mais-que-perfeito simples e composto.

Metodologia / Estratégias de ação:

Primeiro momento: As atividades serão iniciadas nas oficinas de leitura, nelas os alunos farão a leitura da obra “O Pequeno Príncipe”, cada oficina terá a duração de uma aula e serão lidos de dois a três capítulos que são relativamente curtos, podendo variar de acordo com os debates e reflexões acerca da história.

Durante os debates sobre as aventuras do pequeno príncipe, a professora pedirá aos alunos que observem, num trecho selecionado, todas as palavras que considerem verbos e quais das formas são mais usadas por eles. A professora encerra a oficina, dizendo da importância de ter sempre presente a Dona Gra nas aulas.

Segundo momento: Na aula subsequente à leitura dos capítulos, a professora exibirá no datashow, um trecho do capítulo lido e distribuirá as atividades impressas a

²Ao utilizarmos *dona Gra* ou apenas *Gra*, fazemos uma referência lúdica à gramática. Assim pretendemos levar o aluno a perceber que a gramática faz parte de seu contexto escolar de forma global e de todos os aspectos de uso da língua

ANDRADE, Y. L. A.

cada um dos alunos. Em seguida pedirá de forma alternada que os alunos releiam em voz alta o trecho. Durante a leitura, caso algum dos alunos hesite ao pronunciar a forma simples dos verbos no pretérito-mais-que-perfeito, a professora ludicamente dirá “olha a dona Gra rondando” e pronunciará a forma verbal para toda turma.

Ao término da leitura, a professora pedirá que respondam, individualmente, todas as atividades, deixando apenas a última.

Terceiro momento: Será o momento em que alunos e professora farão uma análise reflexiva dialógica das questões.

Quarto momento: A turma será dividida em duplas e será solicitado a elas que resolvam o último exercício. Assim que todos terminarem, os alunos farão um círculo e cada dupla compartilhará suas conclusões com toda a sala.

Quinto momento: Será sugerido como tarefa, a confecção de um esquema com todos os pontos relevantes estudados e discutidos sobre o verbo durante a semana. O material produzido ficará exposto em um varal na sala.

Recursos Pedagógicos:

- Datashow; folhas xerocadas, cadernos, folhas A4 em branco, lápis, borracha, caneta, quadro, giz, cordão colorido e prendedores.

Resultados Esperados: Esperamos com a aplicação dessa atividade criarmos oportunidades para que a partir das oficinas de leitura, nossos alunos possam observarem e analisarem fatos linguísticos que envolvam o uso do verbos no pretérito-mais-que-perfeito do indicativo. Percebendo o uso de sua forma simples, bem como, composta.

Avaliação: Avaliaremos através de observação a competência linguística de nossos alunos na leitura, na resolução das atividades metalinguísticas e epilinguísticas e na socialização de seu saber com os colegas.



ANDRADE, Y. L. A.

6 Nossa proposta

Seguem transcritas as atividades que compõem nossa proposta de intervenção.

A GRA NAS AVENTURAS DO PEQUENO PRÍNCIPE

Releia um trecho do segundo capítulo do livro *O Pequeno Príncipe*.

II

Vivi, portanto, só, sem amigo com quem pudesse realmente conversar, até o dia, cerca de seis anos atrás, em que tive uma pane no deserto do Saara. Alguma coisa se quebrara no motor. E como não tinha comigo mecânico ou passageiro, preparei-me para empreender sozinho o difícil conserto. Era, para mim, questão de vida ou de morte.

Só dava para oito dias a água que eu tinha.

Na primeira noite adormeci, pois, sobre a areia, a milhas e milhas de qualquer terra habitada. Estava mais isolado que o náufrago numa tábua, perdido no meio do mar.

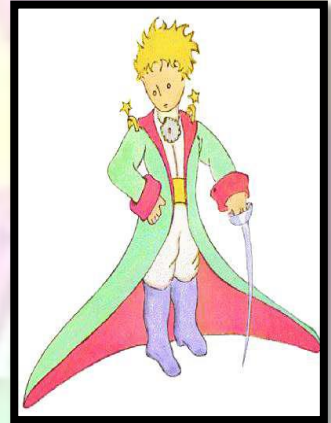
Imaginem então a minha surpresa, quando, ao despertar do dia, uma vozinha estranha me acordou. Dizia:

- Por favor ...desenha-me um carneiro
- Hem!
- Desenha-me um carneiro ...

Pus-me de pé, como atingido por um raio. Esfreguei os olhos. Olhei bem. E vi um pedacinho de gente inteiramente extraordinário, que me considerava com gravidade.

Eis o melhor retrato que, mais tarde, consegui fazer dele.

Antoine de Saint-Exupéry. Em: *O Pequeno Príncipe* 49ª Ed. – Rio de Janeiro: Agir, 2015 – p.11.



QUESTÃO 1]

Observe atentamente os dois primeiros parágrafos do capítulo II e

Responda:

A) Neste capítulo quem está narrando a história?

ANDRADE, Y. L. A.

B) Identifique todos os verbos usados na construção do primeiro parágrafo e em seguida destaque cada um deles.

C) Quantos verbos você destacou?

D) De todos os verbos destacados, qual deles você considera mais incomum, diferente, estranho?

E) Você usa esse verbo em sua fala, no seu dia-a-dia? Já ouviu alguém de sua convivência falando dessa forma?

F) E nos livros? Lembra-se de alguma vez ter visto essa forma verbal?

O trecho a seguir refere-se às questões 2 e 3.

“Mas lembrei-me, então, que eu havia estudado geografia, história, cálculo e gramática, e disse ao garoto (com um pouco de mau humor) que eu não sabia desenhar.”

QUESTÃO 2]

Transcreva o trecho e substitua a expressão verbal em destaque pelo verbo estudara. Em seguida analise se ocorreu alguma alteração de sentido no parágrafo.

QUESTÃO 3]

Assinale a alternativa que também substitui a expressão verbal destacada sem alterar o sentido pretendido pelo narrador.

- a) Tinha estudado
- b) Teria estudado
- c) Tinham estudado
- d) Estudará

QUESTÃO 4]

As formas verbais havia estudado e tinha estudado são FORMAS COMPOSTAS DO PRETÉRITO-MAIS-QUE-PERFEITO do modo indicativo, elas apresentam um verbo

ANDRADE, Y. L. A.

AUXILIAR (ter e haver) e um verbo PRINCIPAL (estudar no particípio), a forma verbal *estudara* é a forma SIMPLES, formada por um ÚNICO verbo. Identifique nas **orações** extraídas do livro “O Pequeno Príncipe”, as formas simples do pretérito-mais-que-perfeito e substitua pela forma composta.

a) “Levei muito tempo para compreender de onde viera.”

b) Eu aprendera, pois, uma segunda coisa, importantíssima: o seu planeta de origem era pouco maior que uma casa!

c) “O príncipezinho escalou uma grande montanha. As únicas montanhas que conhecera eram os três vulcões que lhe davam pelo joelho.”

QUESTÃO 5]

Organize-se em duplas e, em seguida, observe as respostas da questão Com seu colega discuta e reflita: o sentido das frases foi alterado com a substituição proposta pelo exercício? Vocês deverão compartilhar suas conclusões com os demais colegas de turma.



Para refletir...

Fique de olho! Cadê a Gra? A Gramática está por aí, VIVA E LIVRE, no texto, no contexto, na conversa, na balada, no namoro, na igreja, está em todo lugar...onde houver um falante, um ouvinte, um leitor...lá estará ela cumprindo com o seu papel!

7 Analisando nossa proposta de intervenção

Neste espaço, pretendemos apresentar breves análises das atividades propostas, aqui destacaremos pontos favoráveis das atividades.

ANDRADE, Y. L. A.

Um primeiro ponto que merece destaque é o fato de proporcionar aos alunos oficinas de leitura, em que o objetivo principal é promover momentos prazerosos de leitura no ambiente escolar, encontros que propicie interação com textos literários;

A tecnologia também favorece o entusiasmo dos nossos alunos para com as aulas de língua portuguesa, ao propormos oficinas que oferecem o livro projetado em uma tela;

Outro aspecto é que a intervenção proposta apresenta atividades pautadas não somente em reflexões metalinguísticas, mas sobretudo em reflexões epilinguísticas, conforme vemos nas atividades 1 e 2, nelas os alunos não só identificam o fenômeno em estudo, mas amplia sua análise utilizando-se de sua própria reflexão para construir o conhecimento linguístico, tal construção se faz ainda mais notável na questão 5, onde o aluno é levado, através de sua análise, a realizar inferências sobre o campo semântico do uso do verbo.

Tivemos o cuidado ao planejarmos as atividades, de explorar os três saberes (BARBOSA, 2009) “o que dizem os falantes?”, “o que diz a tradição gramatical?” e o que dizem as pesquisas linguísticas?”, conforme verifica-se nas questões 1, 3 e 4.

Procuramos também, mobilizar em um só espaço, em um só compartimento, a aula de Língua Portuguesa, a leitura, a gramática, a ortografia e a oralidade, requerendo dos alunos que utilizem diferentes habilidades num só contexto, conforme vimos em diversas orientações de renomados pesquisadores.

Nossas atividades inovam ao propor que não se faça uma “correção” das atividades, mas sim uma análise dialógica, onde todos apresentam suas reflexões e discutem as diversas possibilidades de respostas, termos como ERRADO e CERTO, são banidos desse espaço.

“Segundo (FRANCHI, 2006, p. 31), Lembremos: o processo de ativação ou construção dessa gramática é um processo de amadurecimento”. Por isso, consideramos, que nesta fase, o estudante está construindo seu saber linguístico, reativando sua bagagem cultural linguística, explorando as diversas possibilidades que a língua oferece, para ampliar seu uso.

Podemos observar todo esse mecanismo de construção ao longo das atividades, em especial, na questão 4, quando o aluno/ falante/ouvinte/usuário da língua, conhece outras possibilidades de uso, como por exemplo, o uso da forma simples ou composta do

ANDRADE, Y. L. A.

pretérito-mais-que-perfeito, além da mediação do professor em destacar a escolha de uma das formas pautado na formalidade da ocasião.

8 Considerações finais

O presente estudo se finda provisoriamente nestas linhas, porém, seus produtos e resultados seguirão se construindo em nossas aulas.

Ademais, as reflexões e diálogos construídos ao longo dessas páginas alcançarão, de fato, o público, cujo destino é essencial – a sala de aula - que tanto clama por mudanças, diversas vezes citadas neste trabalho.

Trouxemos à baila, diversas vozes, cujas ponderações contribuíram significativamente para a elaboração de nossa proposta interventiva, proposta essa que tinha como objetivo básico, mobilizar o ensino de língua portuguesa, em especial das formas simples e compostas do pretérito-mais-que-perfeito, junto a leitura literária.

Outro aspecto relevante, que nos chamou atenção no desenvolvimento desse estudo, é o fato de que há muitos estudiosos envolvidos e compromissados com a melhoria do ensino de Língua Portuguesa, todos os dias, imensuráveis esforços reiteram esse propósito Brasil a fora. O que justifica a urgente e necessária transformação dos professores, pois, toda e qualquer mudança começa em nós.

Esperamos que as atividades propostas atendam às necessidades de nossos alunos e propiciem de forma efetiva o desenvolvimento de seu saber linguístico. Quanto ao ensino do verbo nos anos finais do ensino fundamental, concluímos que é essencial a construção desse saber, ano após ano, contudo, para isso, é preciso que haja uma inovação metodológica, visando ampliar cada vez mais o interesse do aluno para conteúdos rotulados negativamente. Levando o aluno/falante/ouvinte/usuário da língua a reconhecer sua amplitude e diversidade e assim, quem sabe, no próximo ano, quando chegarmos para nos apresentar, deixaremos de ouvir as queixas acerca do ensino de língua.

ANDRADE, Y. L. A.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **Gramática pedagógica do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARBOSA, A.G. Saberes Gramaticais na escola. In: VIEIRA, S.R; BRANDÃO, S.F. (Org.). **Ensino de Gramática: descrição e uso.** São Paulo: Contexto, 2009. p. 31-53.

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa.** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998

CÂMARA JÚNIOR, J. M. **História e estrutura da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

COSTA VAL, M. G. A gramática do texto, no texto. **Revista de Estudos da Linguagem.** Belo Horizonte. Faculdade de Letras da UFMG, v.10, n.2, p.107-133, jul./dez.2002

CUNHA, C; CINTRA. L.F.L. **Nova gramática do português contemporâneo** 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FARACO, C.A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo gramática?** São Paulo: Parábola. 2006.

KLEIMAN, A.B.; SEPULVEDA, C. **Oficina de gramática – metalinguagem para principiantes.** Capinas, SP: Pontes Editores, 2014.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na escola.** São Paulo: Contexto. São Paulo: Contexto, 2003.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2010.

ROCHA LIMA, C.H.da. **Gramática normativa da língua portuguesa.** 46 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SAINT-EXUPÉRY, A.de. **O Pequeno Príncipe;** tradução de Dom Marcos Barbosa. – 49 ed. – Rio de Janeiro: Agir, 2015.

TRAVAGLIA, L.C. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática.** São Paulo: Cortez, 2009.

ANDRADE, Y. L. A.

Como citar este artigo (ABNT)

ANDRADE, Y. L. A. O ENSINO DE GRAMÁTICA: PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO. Revista Iniciação & Formação Docente, Uberaba, MG, v. X, n. X, p. XXX-XXX, 2019. Disponível em: <inserir link de acesso>. Acesso em: inserir dia, mês e ano de acesso. DOI: inserir link do DOI.

Como citar este artigo (APA)

ANDRADE, Y. L. A. (2019). O ENSINO DE GRAMÁTICA: PRETÉRITO MAIS-QUE-PERFEITO. Revista Iniciação & Formação Docente, X(X), XXX-XXX. Recuperado em: inserir dia, mês e ano de acesso de inserir link de acesso. DOI: inserir link do DOI.

FORMAÇÃO
DOCENTE